

Mídias musicais contemporâneas e juventude: consumo, permissividades e experimentações

Contemporary musical media and
youth: consumption,
permissiveness and
experimentation

Juliana Ribeiro de Vargas

jrvargas@ulbra.edu.br

Universidade Luterana do Brasil-ULBRA

Maria Luisa Merino Xavier

mlxavier@uol.com.br

Universidade Federal do Rio Grande do Sul-UFRGS

Resumo

Recorte de uma investigação mais ampla, o presente artigo tem como objetivo analisar e problematizar a operacionalidade de determinados discursos na constituição de subjetividades de um grupo de jovens alunas, estudantes de uma escola da rede pública de ensino Porto Alegre (RS) e, por conseguinte, nos modos como as mesmas vivenciam a juventude na contemporaneidade. Tais discursos eram evidenciados em músicas apreciadas pelas alunas e constantemente acessadas pelas mesmas através de seus celulares. Frente às teorizações dos Estudos Culturais em Educação, dos Estudos de Gênero em perspectiva pós-estruturalista e das contribuições dos estudos de Michel Foucault, compreende-se que tais discursos caracterizam a juventude como um tempo de consumo e ainda, como espaço para diversas experimentações e permissividades. O material empírico deste estudo decorre de metodologias de investigação qualitativas de cunho etnográfico, tais como observações participantes e registros em diário de campo. Também foram realizadas análises dos arquivos musicais armazenados nos cartões de memória dos celulares das citadas estudantes e alguns destes arquivos foram problematizados com as alunas em encontros de pequenos grupos os quais denominamos *Rodas de Conversa*. Dentre as análises produzidas, destaca-se a consonância entre os discursos e enunciados visibilizados pelas músicas acessadas pelas alunas e suas próprias narrativas. Compreende-se que a aproximação das jovens alunas com diferentes discursos, também provocada pela escola, poderia produzir subjetividades outras, propiciando-lhes distintos modos, diferentes possibilidades para a organização de suas vidas.

Palavras-chave: Juventudes. Estudos Culturais. Gênero. Mídias Musicais

Abstract

Part of a broader investigation, the present paper has as goal to analyze and discuss the operability of determined discourses in the subjectivity constitution of a young girls group, students of a public school in Porto Alegre (RS), and thus how the same girls experience the youth presently. Such discourses were evidenced in songs appreciated by the students and constantly accessed by them through their mobile phones. Due to theorizations of Cultural Studies in Education, Gender Studies under a post-structuralist perspective, and the contributions of Michel Foucault's studies, we understand that such discourses characterize youth as a moment of consumption, and even as a space to several kinds of experimentation and permissiveness. The empirical material for this study accrues from ethnographic qualitative investigation methodologies, such as observation of the participants and records in a field diary. It was also performed analysis of musical archives stored in mobile phones memory cards belonging to the mentioned students, and some of those archives were discussed with the students in small groups meetings which we denominated *Conversation Circle*. Among the produced analyses, we highlight the consonance between the discourses and utterances visualized through the songs accessed by the students and their own narratives. We understand that the approximation of the young students with different discourses, provoked also by school, could produce other kinds of subjectivity, propitiating them distinctive modes, different possibilities to the organization of their lives.

Keywords: Youths. Cultural Studies. Gender. Musical Media

Área vip, whisky, no camarote só as top de elite
No baile (HAHA), nós porta o kit
Tem Hollister e Abercrombie Fitch
Meninas solteiras o baile é de vocês
Vêm dançando uma de cada vez.
(Rolê da Haybusa- Mc Dedé)

Introdução

Os versos em destaque referem-se à música “Rolê da Haybusa”, listada entre as mais escutadas por um grupo de jovens alunas, concluintes do Ensino Fundamental, de uma escola da rede pública municipal de Porto Alegre (RS)¹. Na referida música, assim como em outras semelhantes, o consumo e a visibilidade excessiva de determinados itens – a exemplo de automóveis, motos e objetos de adorno de marcas de alto valor comercial como *Hollister* e *Abercrombie Fitch* – são evidenciados como práticas de sedução e de conquista protagonizadas por homens jovens. Conforme destaca a música, um homem que ostenta um *kit* e bebe *whisky* em um local privilegiado de uma festa (o camarote) torna-se extremamente interessante às mulheres do local.² Frente a essas dimensões, vale problematizar: tais músicas constituem modos de ser jovem para aqueles que residem em espaços de periferia urbana?

Recorte de uma investigação mais ampla, o presente artigo tem como objetivo analisar e problematizar a operacionalidade de determinados discursos na constituição de subjetividades do grupo de estudantes supracitado e, por conseguinte, nos modos como as mesmas vivenciam a juventude na contemporaneidade. Frente às teorizações dos Estudos Culturais em Educação, dos Estudos de Gênero em perspectiva pós-estruturalista e das contribuições dos estudos de Michel Foucault, compreende-se que tais discursos caracterizam a juventude como espaço para diversas experimentações e permissividades e, muitas vezes, como um tempo de admiração e desejo por práticas de consumo. Entendemos, a partir das perspectivas teóricas aqui assumidas, que os discursos

¹ A referida música figurava entre as preferências musicais das alunas pesquisadas entre os anos de 2013 e 2014.

² O kit referido por algumas das músicas associadas ao funk ostentação pode ser compreendido como uma combinação de bebidas (dez latas de energéticos e uma garrafa de vodka). Ver: <http://revistadonna.clicrbs.com.br/noticia/atraidos-pelo-embalo-do-funk-jovens-de-classe-alta-frequentam-bailes-em-morros-e-vilas-de-porto-alegre/>. Acesso em 10 out. 2014. O kit também pode se referir às roupas e adornos de marcas de alto valor comercial utilizados por homens quando vão ao baile funk (camisetas, bonés e correntes). Ver: <http://enoisnodiario.diariosp.com.br/funk-ostentacao/>. Acesso em 10 out. 2014.

operam sobre a constituição das subjetividades das jovens em questão e, por conseguinte, nos modos como as mesmas vêm produzindo suas feminilidades na contemporaneidade.

Como *corpus* analítico, elencamos músicas preferidas do grupo de alunas em questão que eram constantemente por elas escutadas, por meio de seus aparelhos celulares, inclusive no espaço escolar, em meio às atividades de sala de aula. Também foram aqui analisadas as narrativas das jovens acerca das músicas preferidas e de temáticas pertinentes à sua condição juvenil. É preciso destacar a forte presença de celulares entre os alunos e alunas nas salas de aula como uma das motivações que desencadearam este estudo, pois, apesar de terem seu uso proibido pela legislação de muitas redes de ensino, tais aparatos fazem-se presentes nas escolas pelas mãos de alunos, muitos com menos de dez anos de idade. Com os mesmos, estudantes conectam-se à *web*, fazem fotografias e vídeos, e principalmente, ouvem músicas. No entanto, algumas dessas músicas acabam por chocar, constranger a geração adulta frente ao seu conteúdo lascivo e/ou relacionado às atividades ilícitas.

É importante pontuar que compreendemos as músicas e as narrativas em questão como superfícies de visibilidade de determinados discursos que constituem, entre outras dimensões, o entendimento sobre “o que é ser jovem e mulher” nos tempos atuais. Para tanto, valemo-nos das perspectivas teóricas dos Estudos Culturais em Educação e dos Estudos de Gênero e ainda, das ferramentas teórico-metodológicas da análise do discurso, a partir de Foucault, e dos grupos de discussão – dimensões que serão a seguir melhor apresentadas. Posteriormente, buscamos visibilizar a constituição discursiva da juventude como uma dimensão caracterizada por permissividades, experimentações e práticas de consumo, mas ainda regulada por determinados marcadores, a exemplo do gênero. Encerramos este estudo pensando em outras dimensões das culturas juvenis contemporâneas que deveriam ser pesquisadas, no intuito de melhor compreendê-las e assim fomentar, por exemplo, a organização de práticas pedagógicas que discutam, de modo amplo, questões do cotidiano atual de nossas juventudes e das potencialidades e possibilidades de vida dos jovens e das jovens, não somente fundamentadas nas diferenciações de gênero.

Mesmo que na perspectiva deste estudo as juventudes não sejam relacionadas de modo direto à idade cronológica dos sujeitos, é preciso referir que, dentre os discursos legais, tal marcador acaba por ser utilizado como um delimitador que categoriza aqueles e aquelas que seriam jovens. No Estatuto da Criança e do Adolescente (ECA), são considerados adolescentes aqueles e aquelas que têm entre 12 anos completos e 18 anos³. As declarações organizadas pelas Nações Unidas compreendem os sujeitos entre 14 e 25 anos como jovens. A delimitação da categoria juventude utilizada pela Prefeitura Municipal de Porto Alegre, nos programas e ações promovidos pela Secretaria Municipal de Juventude (SMJ), aproxima-se da apontada pelas Nações Unidas, uma vez que para a SMJ, a população com idades entre 15 e 29 anos é descrita como jovem. Desta forma, compreendemos as alunas pesquisadas neste estudo como “jovens” em razão das normativas do ECA e por vivenciarem uma série de dinâmicas relacionadas, por estudiosos como Juarez Dayrell (2012), como características das culturas juvenis contemporâneas.

As perspectivas teóricas

A partir da perspectiva teórica dos Estudos Culturais, compreendemos os sujeitos não como entidades unificadas, mas constituídos discursivamente, segundo as condições de possibilidades de distintos contextos históricos e sociais (HALL, 2006). Ainda de acordo com Stuart Hall (1997), destacamos que a expressão centralidade da cultura representa a dimensão assumida pelas produções culturais na contemporaneidade, uma vez que tais produções estão presentes na vida de todos os sujeitos sociais, pois “[a cultura] penetra em cada recanto da vida social contemporânea [...]”, como se verifica ao analisarmos a presença constante das músicas escutadas pelas alunas deste estudo em seu cotidiano. Mesmo durante as aulas, em meio às atividades escolares, as alunas seguiam escutando suas músicas preferidas em seus aparelhos celulares, entendidas neste estudo como produções culturais.

De acordo com a perspectiva dos Estudos Culturais, o conceito de juventude remete à ideia de categoria plural, fato que nos afasta de um modo único para

³ O ECA foi instituído pela Lei Nº 8.069, de 13 de julho de 1990.

descrevê-la e contextualizá-la. Estudos como os de Carles Feixa (1999), Rosa Fischer (2001), Elisabete Garbin (2001) e Juarez Dayrell (2001), entre outros, distanciam-se das classificações etárias e descrições biológicas na contextualização da categoria juventude.

Conforme ilustra Rita Severo (2014), para alguns indivíduos, a juventude pode ser categorizada como um perfil de consumidor, como um estado de espírito ou, até mesmo, como uma condição corporal. Tais fatos corroboram a ideia de Beatriz Sarlo (2004, p. 36) de que “a juventude não é uma idade, e sim uma estética da vida cotidiana”. Logo, por essa perspectiva, na atualidade, podemos encontrar em nossa sociedade, jovens de doze, vinte ou quarenta anos de idade⁴. No entanto, é possível pensar que, na atualidade, certas características tais como espontaneidade, vitalidade e versatilidade acabam por ser naturalmente associadas à condição juvenil, uma vez que são exaltadas por discursos circulantes em nossa sociedade, a exemplo do discurso midiático, o qual acaba por descrever a juventude como uma etapa da vida supervalorizada, percebida como um ideal a ser alcançado (SOARES, 2005).

Valemo-nos da perspectiva dos Estudos de Gênero para problematizar, dentre tantas questões, a compreensão das diferenciações entre os comportamentos de homens e mulheres como originárias unicamente de diferenças biológicas. Como reitera Guacira Louro (2003, p. 22), o conceito gênero “ênfatisa, deliberadamente, a construção social e histórica produzida sobre as características biológicas” entre homens e mulheres e, por conseguinte, a atribuição de determinadas práticas e ações como “naturalmente” masculinas e/ou femininas.

É interessante destacar que a proposição de Joan Scott (1995), sobre o conceito de gênero, visa à conexão entre as seguintes ideias: a) gênero é um elemento constitutivo das relações sociais baseadas nas diferenças percebidas entre os sexos; b) gênero é uma forma primária de dar significado às relações de poder. Logo, o conceito de gênero torna-se profícuo à análise, por exemplo, dos modos de constituição da feminilidade de alunas jovens que escutam e admiram

⁴ Veiga-Neto (2000) apresenta interessante discussão a respeito de diferentes categorias que poderiam ser associadas a “idade”, afirmando que tal conceito não deve ser analisado de modo isolado: “O que interessa é *como* são inventadas as diferentes idades do corpo e, ao mesmo tempo, atribuídas tais idades a esse ou àquele corpo, bem como tudo isso é colocado em movimento não apenas para nos dizer quem somos —segundo um retículo de distribuições— e para que cada um se veja e se sinta dessa ou daquela maneira, mas também para que cada um aja disciplinadamente de acordo com o que se espera dos membros desse retículo”. Disponível em: <http://www.lite.fae.unicamp.br/cursos/nt/ta5.12.htm>, acesso em: 24 maio 2012.

versos como “*Caiu na bebedeira, e agora ficou falada!*” que pertence à música “*Tá doidona*”, também apreciada pelas alunas pesquisadas⁵.

Vale pontuar que a escola, por meio de discursos visibilizados por práticas pedagógicas, também produz “uma noção singular de gênero e sexualidade”, fomentando assim apenas uma forma característica para vivenciar a feminilidade e a masculinidade (LOURO, 2003, p. 43). Também a mídia, em seus distintos canais de comunicação, como o rádio, a televisão e a internet, corrobora para constituição de posturas percebidas como (in)adequadas, colabora para a constituição de subjetividades, por conseguinte, com os modos de viver as masculinidades e feminilidades – razão dos discursos veiculados em suas produções (FISCHER, 2007). Além do exemplo anteriormente citado, em outras músicas analisadas neste estudo, a figura da mulher que se interessava por diferentes parceiros era descrita a partir de adjetivos tais como “má”, “louca, louquinha”, “safadinha”, “soltinha” e “assanhada”.

Assumimos os discursos como práticas que constituem os sujeitos e os objetos aos quais se referem e, também, como organizadores da realidade, a qual se difere nos distintos tempos e grupos sociais (FOUCAULT, 2012). Como pontua Paul Veyne (2011, p. 50), “os discursos são as lentes através das quais, a cada época, os homens perceberam todas as coisas, pensaram e agiram”. Desta forma, entendemos os discursos visibilizados pelas narrativas e pelas músicas escutadas pelas alunas em questão como inscritos em regimes de verdade e em relações de saber–poder.

A partir das perspectivas teóricas elencadas para este estudo, o poder, a produção da “verdade” e a subjetividade são elementos relacionados no processo de condução de condutas dos indivíduos e, desta forma, imbricados na constituição das subjetividades (FOUCAULT, 2009). Segundo Larrosa (2000), a “constituição das subjetividades está relacionada aos aspectos da experiência de si, nas quais o sujeito relaciona-se consigo mesmo, ou seja, os modos pelos quais ele se observa, analisa e reconhece a si próprio”. Assim, compreendemos que diferentes discursos operam sobre a produção de subjetividades e, no caso específico desta

⁵ Música: Tá doidona – Cácio e Marcos. Letra disponível em: <https://www.letras.mus.br/cacio-e-marcos/ta-doidona/>. Acesso em 15 jul.2016.

investigação, na constituição de subjetividades de jovens mulheres nos tempos atuais.

Entendemos que a problematização das feminilidades de jovens contemporâneas se faz necessária, uma vez que as mesmas tensionam, em determinadas situações, a exemplo de algumas como as analisadas neste estudo, características associadas a um ideário feminino ainda vigente. A importância do estudo da referida temática dá-se também pela colaboração na estruturação de pesquisas que visibilizem as culturas juvenis femininas diferenciando-as do entendimento de categoria homogênea, sem distinção entre os fenômenos que ocorrem com os jovens e as jovens, tal como pontuam autores como Wivian Weller (2005) e Feixa (1999).

Os aportes metodológicos

Conforme exposto anteriormente, a prática de audição de músicas pelas alunas em diversos momentos da rotina escolar através dos aparelhos celulares e, também, o conteúdo de muitas das músicas armazenadas nos mesmos, colocam-se como motivações primeiras que encaminham a presente investigação. Vale destacar que compreendemos os aparelhos celulares como diários digitais contemporâneos, uma vez que se prestam à comunicação, ao registro de pequenos filmes, imagens e músicas que podem permanecer armazenados nos cartões de memória de cada aparelho. No entanto, é importante pontuar a provisoriedade e a flexibilidade que tal recurso comporta, uma vez que cada aluna pode possuir mais de um cartão de memória e, também, apagar ou registrar “novas memórias” no mesmo, como é possível visualizar na narrativa de I., uma das participantes do estudo:

[...] É que o meu cartão de memória não quer mais entrar no meu celular. Aí eu peguei o cartão de memória do meu irmão. Eu achei lá no meio das coisas dele e peguei para mim... Aí eu peguei este aqui e vou apagar as músicas que eu não gosto.⁶

⁶ Por razões éticas os nomes das alunas foram suprimidos. As participantes são identificadas por uma letra inicial, escolhida por elas ao longo da pesquisa.

Para desenvolver o presente estudo, dispusemo-nos a conhecer os arquivos musicais armazenados pelas quatorze alunas participantes em seus cartões de memória em três períodos distintos: julho de 2012, novembro de 2012 e abril de 2013.⁷ Nos dois primeiros períodos, foram listados todos os arquivos musicais que cada uma das alunas armazenava e, no último período, visto o grande número de arquivos contabilizados, foi solicitado que as mesmas elencassem, entre as músicas armazenadas nos cartões de memória naquele momento, suas dez músicas preferidas. Destes movimentos foi possível contabilizar setecentos e noventa arquivos musicais distintos na primeira análise de dados, oitocentos e dezoito na segunda análise e cento e quarenta arquivos distintos na terceira análise.

A maioria das estudantes possuía mais de uma centena de músicas diferentes armazenada em cada um dos seus cartões de memória. Ter muitas músicas no celular parecia ser uma questão importante para alunas, mesmo que essas escutassem, como fora afirmado, as mesmas músicas sempre! Logo, a prática de troca entre os arquivos musicais pela tecnologia *bluetooth* (ocorrida muitas vezes em aula, na frente de professores) permitia-lhes a aproximação entre elas e demais colegas da escola⁸. É importante referir que, quanto mais *gigabytes* possui um cartão de memória, mais arquivos podem ser armazenados e posteriormente acessados. Um cartão com capacidade de dois *gigabytes* (2GB) pode armazenar, por exemplo, cerca de quinhentas músicas configuradas no formato MP3, com cerca de três minutos e trinta segundos de duração cada⁹.

Posteriormente ao levantamento dos arquivos musicais dos cartões de memória, estabelecemos estratégias de análise frente às músicas mais escutadas. Tais análises foram balizadoras para a organização dos grupos de discussão, neste estudo chamados de *Rodas de Conversa*, metodologia que nos permitiu compreender melhor como os discursos visibilizados pelos arquivos musicais

⁷ É importante ressaltar que dados tais como agenda telefônica, chamadas realizadas/recebidas e as mensagens de texto dos aparelhos de celular são dados armazenados nos chips das operadoras ou na memória dos celulares e, desta forma, não obtivemos acesso a nenhum desses dados.

⁸ Presente em grande parte dos aparelhos celulares na atualidade, a tecnologia bluetooth permite transmissão de dados e arquivos sem a necessidade de fios entre aparelhos celulares, notebooks e computadores.

⁹ A sigla MP3 vem de MPEG Audio Layer-3, um formato de arquivo que permite ouvir músicas em aparelhos eletrônicos tais como computadores, celulares, tablets. Vide <http://www.tecmundo.com.br/musica/214-o-que-e-mp3-.htm#ixzz22js9b0Qj>. Acesso em 20 jul. 2012

operavam na constituição das subjetividades das alunas e, ainda, foi profícua para obtenção de maiores informações acerca de suas preferências musicais.¹⁰

Compartilhamos com Carla Beatriz Meinerz (2011, p. 486) o entendimento de que a metodologia do grupo de discussão abre a possibilidade de escuta sensível, que não se fundamenta apenas em rigores teóricos para sua realização, uma vez que tal escuta é dependente da postura “política, afetiva e ética do pesquisador”. Para melhor organização da referida metodologia, as quatorze alunas participantes foram divididas em quatro grupos, respeitando suas afinidades.

Assim, de modo semelhante a outros autores (FISCHER, 1996; SCHWENGBER, 2006), articulamos pressupostos da análise do discurso, a partir de Foucault, para problematizar discursos que eram visibilizados e reiterados pelas materialidades analíticas desta pesquisa: as músicas escutadas pelas alunas e suas narrativas. Para tanto, as narrativas produzidas pelas alunas nas Rodas de Conversa foram degravadas e relidas inúmeras vezes, assim como as músicas dos cartões de memória foram, também, inúmeras vezes escutadas na busca de possíveis associações. Dessa forma, entendemos que tais metodologias potencializam análises sobre a constituição das subjetividades das alunas e, por conseguinte, na constituição da feminilidade juvenil contemporânea.

Buscamos destacar, nas seções seguintes, como os discursos visibilizados pelas superfícies analisadas têm constituído a juventude como período de permissividade ao consumo de bebidas alcoólicas e ao uso de outras substâncias ilícitas, e também de experimentações, a exemplo dos afetos flexíveis e breves vivenciados pelas alunas em questão.

Caiu na bebedeira e agora ficou falada - As (im)possibilidades para @s jovens

*Tá doidona, tá chapada
Vai carregada pra casa
Se joga, cai no chão
Fica toda desarrumada*

*Acorda cheia de roxo
E a roupa tá rasgada*

¹⁰ Tais encontros foram nomeados de Rodas de Conversa em razão do modo como as participantes organizavam-se no momento de encontro: em torno de uma mesa circular.

Os versos que abrem esta seção pertencem a uma das músicas mais escutadas pelas alunas participantes da pesquisa – qual? de quem?. Ao longo de seus versos, a música apresenta determinadas ocorrências que parecem ser desencadeadas pelo fato de uma jovem beber demasiadamente em uma festa, como é possível verificar nos versos apresentados.

Situações semelhantes às descritas pela música em questão eram, constantemente, descritas pelas mesmas como acontecimentos recorrentes a sua condição juvenil. Desta forma, em consonância com suas narrativas, é possível pensar que tais alunas compreendiam a juventude como um espaço de vivências descompromissadas, corroborada por discursos que reiteram essa afirmativa, como os que podem ser visibilizados pela música acima.

Frente aos aportes teóricos deste estudo, entendemos que algumas características acabam sendo relacionadas diretamente à juventude, a exemplo do discurso psicológico que associa ideias tais como transição e crise à referida dimensão, ou ainda, um discurso biológico que produz enunciados tais como a “juventude é como um vulcão”, apoiado nas alterações hormonais que os sujeitos em uma determinada fase de seu desenvolvimento sofrem. As características descritas por Maria Rita Kehl (2004, p.90) fazem pensar sobre distintos discursos que atravessam, na contemporaneidade, a constituição de uma ideia de juventude: “A juventude é um estado de espírito, é um jeito de corpo, é um sinal de saúde e disposição, é um perfil de consumidor, uma fatia do mercado onde todos querem se incluir. ” Pode-se também depreender que o discurso publicitário fomente a identificação dos jovens como sujeitos que devem aproveitar ao máximo esta etapa da vida, independentemente da classe social, desfrutando assim de todos os prazeres que lhe são proporcionados. A partir de tal discursividade, os jovens identificar-se-iam com ideal publicitário do jovem “hedonista, belo, livre e sensual”, o que também aproxima a compreensão da juventude como um tempo de múltiplas experimentações, inclusive as afetivas (KHEL, 2004, p. 93).

As narrativas das alunas acerca do consumo de bebida alcoólicas e de outras substâncias parecem reverberar, em certa medida, características ancoradas nos referidos discursos, como se pode verificar:

M.: [...] Meu irmão foi pra praia sora e ficamos só eu e meu tio, meu tio de vinte anos. [...] a gente fazia festa, saía para tudo que era lugar. Eu me embeguei muitas vezes!

A.: [No aniversário] liberaram cerveja para a nossa mesa. Só eu estava com a minha mãe, as outras meninas estavam sozinhas. Logo vieram umas cinco, seis latas!

J.: Eu dividi umas três latinhas com a Paula e depois eu não lembro...Mas acho que eu tomei muito!

A.: Eu tomei pouco, mas se tivesse energético eu tomaria bastante.

A. P.: [...]Eu ia à casa da Célia, porque lá sempre está o Dedé, que também gosta de tomar uns “gorós”. Mas, no meio do caminho, eu encontrei a Fran, [e ela me disse]: “Eu acabei de tomar uma Kislla azul”. Daí ela me convidou para beber mais[...] quando vê, eu acabei tomando uns quatro copos seguidos. Daí eu não me lembro de mais nada!

Pesquisadora: O que é isso? Que bebida é essa?

A. P : É *vodka* “sora”! E dá para tomar pura. A verde tem gosto de Sprite, só que sem gás.¹¹

Como se pode notar, o consumo de bebidas entre as alunas era frequente e incluía também a ingestão de bebidas destiladas “misturadas” a energéticos, fato que retardar os efeitos do álcool e assim, permite uma maior ingestão de bebida. Até mesmo os pais das alunas não cerceavam este consumo, parecendo não se importar, em certa medida, com as consequências futuras do mesmo.

Apesar das jovens beberem com relativa frequência, elas demarcavam diferenciações em suas narrativas, destacando que “era feio” uma jovem beber exageradamente, como se pode verificar:

J.: Não é legal ver guri também bebendo em festa, mas dá para relevar... Agora guria, não! Fica bagaceiro! Eu acho feio!

A.: É, fica se atirando para os outros. Daí igual a minha mãe fala: todo mundo vai ficar falando. E também os homens te abusam e daí fica falada.

J.A. (13 anos): É porque mulher tem que se dar mais ao respeito, entendeu: Tem que se respeitar mais!

Pesquisadora: Por quê?

A.: Porque sim!

A reprovação das jovens ao fato de uma mulher beber em demasia visibiliza discursos que operam sobre a diferenciação de gênero, a exemplo do discurso machista a partir do qual determinadas posturas são negadas às mulheres e potencialmente associadas ao universo masculino. Pode-se pensar que o discurso machista apoia-se em uma ordem heteronormativa, a partir da qual determinadas posturas podem ser entendidas, unicamente, como masculinas e/ou femininas. De acordo com Fernando Seffner (2013, p.150), a heteronormatividade, com a força de norma,

articula as noções de gênero e sexualidade, estabelecendo como natural certa coerência entre sexo (nasceu macho, nasceu fêmea), gênero (tornou-se

¹¹ É interessante destacar o fácil acesso que jovens têm a bebida nos tempos atuais. Como destaca a aluna, “são pouquíssimos lugares que não vendem bebida para menor. Sempre, aqui na vila, eu compro.”

homem, tornou-se mulher) e orientação sexual (se é um homem, irá manifestar interesse afetivo e sexual por mulheres, e vice-versa).

Também fica evidente que as problemáticas à saúde não são destacadas pelas jovens como parâmetros para o consumo de bebida alcoólica. E como afirma a letra da música apresentada no início desta seção, um homem que está com aquela que bebeu em demasia pode sentir-se autorizado a “[...] *levar ela pra casa, e a chapa [pode] esquentar*”!

O consumo de determinadas substâncias ilícitas, tais como a maconha, acaba por também ser uma dimensão que poderia ser relacionada à ideia da juventude como um espaço de experimentação. A maioria das alunas da pesquisa informaram já ter, ao menos, experimentado maconha e algumas delas faziam uso contínuo desta substância sem maiores preocupações sobre as consequências de tais atitudes, conforme pode ser percebido em suas falas:

A. P.: Para se divertir, é bom dar uns *becks* por aí...¹²

Pesquisadora: De onde vocês tiram (maconha)?

A. P.: Na frente da minha casa tem a casa de um cara que vende...Com R\$ 5,00 tu consegue fazer dois baseados

J. A.: A irmã dela também dá um *beck*!

O consumo de substâncias ilícitas tais como a maconha, bem como aquelas que são proibidas aos sujeitos menores de idade, como as bebidas alcoólicas parecem fomentar discursos que descrevem a juventude como um momento de fruição e prazer individuais, apesar de serem realizadas, de modo geral, nos momentos de socialização dos jovens. Uma vez que algumas dessas atitudes não são contestadas pelos pais das jovens (a exemplo da bebida) ou, ainda, fortemente proibidas pelos poderes de controle do Estado (a exemplo do consumo de maconha), pode-se depreender que as jovens desta pesquisa, ao beberem a *Kislla azul*, ou ao pegarem um *beck*, estejam saciando uma satisfação pessoal e não buscando formas de rebeldia ou de contestação de alguma ordem.

No entanto, é possível pensar que tais atitudes sejam realizadas em razão da força dos coletivos nos quais as alunas estão inseridas, na busca de popularidade entre os seus pares. Mesmo esta dimensão sendo considerada, pode-se inferir que a satisfação imediata de algumas das vontades das jovens – a qual não encontra ponto de dissipação nas possíveis consequências para suas vidas no futuro –

¹² Dando um *beck*: uso de maconha.

fomente atitudes como as exemplificadas anteriormente. O atendimento prioritário às próprias vontades parecem ser palavras de ordem nos tempos contemporâneos, uma vez que “a ideia de se sacrificar a satisfação pessoal em nome de algo mais elevado é incontestável” como pontua Paula Sibilia (2014, p. 58).

O que é isso novinha? Os afetos breves e flexíveis

Algumas narrativas das jovens pesquisadas descreviam alguns de seus relacionamentos afetivos como momentos transitórios e fluidos, os quais poderiam ser vivenciados no pátio da escola, em meio a uma aula de Educação Física:

J.A.: Estávamos no pátio, fazendo “a mão” de todo mundo...¹³ Ai perguntei para o D. se ele queria ficar com a A., que estava sentada na frente da J. e ele disse: “Tá, pode ser!”. Aí a gente falou com a A. e eles acabaram ficando, ali, atrás da caixa da água [no pátio da escola].

Estabelecer relações de afeto breves e flexíveis parece ser uma dimensão da juventude, ancorada em discursos que pontuam a ideia de que o jovem tem que aproveitar ao máximo todos os momentos de sua vida, “ficando” com alguém, por exemplo, mesmo no espaço escolar. Vandelucia Sousa, Maria Lúcia da Silva Nunes e Charliton José dos Santos Machado (2012), pesquisadores da Universidade Federal da Paraíba (UFPB), reiteram esta dimensão afirmando não há um território ou espaço específico para tais formas de relacionamento. Desta forma, os jovens acabam por trazer suas vivências também para o ambiente escolar, mesmo que a instituição tenha reservas e até mesmo condene tais vivências.

Como destaca Maria Isabel de Almeida (2006), o “ficar” reconfigura o tempo das relações de afeto, as quais não mais se submetem a uma esperada sequência sentimental. Pode-se pensar que, em tempos contemporâneos, a aproximação e o contato físico, os quais na metade do século XX ainda eram intermediados por pais e/ou irmãos, encurtaram-se. Podem ser, na atualidade, quase que imediatos e como destaca Ricardo Mazzeo (2013, p. 103): “a prescrição do usufruir tem pulverizado as relações amorosas da forma como tradicionalmente conhecíamos.”. Almeida (2006, p. 151) também destaca a dimensão da experimentação nestas relações: “O ‘ficar’ compõe-se e decompõe-se com a rapidez e leveza de módulos infláveis. Como o

¹³ Fazendo a mão: ajudar em uma conquista amorosa (VARGAS, 2008).

dedilhar do controle remoto, ele nos envia a múltiplas oportunidades e experimentações sempre levitantes.”. Para as alunas, as festas eram melhor aproveitadas quando as mesmas trocavam beijos com um ou mais meninos. Não parecia importar para elas onde a festa estava ocorrendo, se conheciam anteriormente os seus parceiros do momento. O mais importante era aproveitar a festa ao máximo, “ficando” com alguém, como se pode depreender da narrativa abaixo:

K. (15 anos): A festa da minha prima, foi muito tri! Peguei até o irmão dela (risos)

M.: Eu “peguei” um guri lá na Prime!

D. (13 anos): Eu “peguei” dois! Um deles era da Vila Pampa e depois, eu fiquei com um de lá que era de “longinho” assim, para não dar problema assim.

M. (13 anos): Eu já peguei cinco em uma noite só, nessa mesma festa!

L. (15 anos): Uma vez, lá no Império, eu fiquei com quinze gurus. No outro dia eu estava com a boca dolorida de tanto beijar. Mas eu estava bêbada!

Outros espaços de socialização das alunas em questão, tal como as praças das proximidades de suas casas também eram cenário para tais formas de relacionamento.

A.D. (14 anos): Ah, eu fiquei com um menino ontem. Foi ali na praça...Na pista de *skate*.

A. (14 anos): Quem ele é?

A. D.: Esqueci o nome!

É interessante notar que as alunas que condenam comportamentos de mulheres que têm relações sexuais com mais parceiros ou que se vestem de modo mais sensual são as mesmas que ficam com vários garotos em uma festa (ou até mesmo na escola). É possível inferir que a diversidade de discursos que constituem essas jovens, a exemplo de alguns que foram destacados neste estudo, possa ser entendida como uma das condições de possibilidade para o fomento de modos plurais sobre os quais a juventude feminina se constitui na contemporaneidade.

No entanto, apesar da pluralidade de discursos constituírem as jovens pesquisadas, os discursos mais conservadores acerca das possibilidades de vida das mulheres acabam por ser reverberados em algumas de suas narrativas, a exemplo da possibilidade de consumo de bebidas alcólicas e de vivências em torno da sexualidade. Foucault (2010) alerta para a constituição da moral cristã, a qual

organiza suas fundamentações sobre o corpo e sobre a sexualidade dos indivíduos, principalmente nos modos como esses deveriam conduzir a essas dimensões. Logo, é possível pensar que tais alunas estejam estabelecendo maneiras para comportar-se /conduzir-se alinhadas ao que se espera de um sujeito moral. Sobre o tema, ilustra Fischer (1996, p. 22):

A “relação consigo” é a relação pela qual o sujeito constitui a si como “sujeito moral”, ou seja, pela qual ele aprende a reconhecer e a estabelecer para si como bons e verdadeiros certos modos de agir; isso, por sua vez, exige que ele faça aprendizagens, exercite-se, aperfeiçoe-se, segundo valores, regras de conduta e interdições de seu tempo, de sua cultura e de sua condição social e de gênero.

Se ele pega ela, ele tem que ostentar! Práticas de consumo

Encontradas na totalidade dos cartões de memória das alunas investigadas, as músicas relacionadas ao *funk* ostentação são apreciadas por grande parte dos jovens (e até mesmo das crianças) nos tempos atuais. Vale destacar que, mesmo aquelas alunas que afirmavam “não gostar muito” de *funk*, tinham arquivos musicais de tal estilo, fato que corrobora com as seguintes ideias: a) O grande número de arquivos armazenados era o que mais importava às alunas; b) A troca de arquivos musicais pela tecnologia *bluetooth* constitui-se como uma das formas de socialização entre as alunas deste estudo.

A popularização do referido estilo musical é também uma dimensão a ser considerada. A forte presença do *funk* em nossa sociedade, em especial do estilo ostentação, pode ser percebida nas trilhas sonoras de novelas de grande audiência, na presença de artistas do gênero, em programas de televisão e também pelos numerosos shows que os artistas realizam mensalmente. Sobre a popularização do *funk*, vale destacar as palavras do DJ Malboro, um dos percursores do estilo no Brasil: “é a verdadeira Música Popular Brasileira, a MPB, [...]. Acho que não existe nada hoje no Brasil que tenha tanta força ou que seja ligado de um modo tão verdadeiro ao que as pessoas pensam como o *funk*”. (DJ Malboro - PLATT e NEATE, 2008, p.85).

Segundo Michael Herschmann (2005), apesar de ter sido visibilizado na década de 1970 na conhecida casa de espetáculos carioca Canecão, o *funk* encontrou o seu espaço posteriormente nos bairros dos subúrbios cariocas. Nos

tempos atuais, é possível afirmar que o referido gênero é produzido/consumido por "diversos grupos e segmentos sociais, e pela indústria cultural em geral" (HERSCHMANN, 2005, p. 73). Uma das vertentes mais visibilizadas desse estilo musical, na atualidade, é o *funk ostentação*.

Podemos afirmar que as músicas relacionadas o *funk ostentação* traçam, em sua maioria, narrativas acerca dos "benefícios" que o acúmulo de bens e de patrimônio proporciona aos homens jovens: a companhia de belas mulheres e a elevação de um *status* frente aos demais. Já a mulheres são apresentadas, de modo geral, como protagonistas de práticas que fomentam vaidade, beleza e consumo de bens de alto valor, a exemplo de bolsas e perfumes de grifes famosas. Nas canções, os desejos femininos por tais artigos são atendidos, de um modo geral, por homens que pagam às mulheres o que elas querem. Os relacionamentos afetivos também são organizados a partir da mesma lógica; mulheres namoram homens que "bancam" tudo o que elas desejam.

As atitudes de consumo e a visibilidade de determinados bens e artefatos descritos principalmente nas músicas filiadas ao que está sendo denominado como *funk ostentação*, parecem reiterar um discurso consumista, fundamentado em uma sociedade capitalista, a partir do qual o acúmulo de bens materiais acaba por se tornar a própria dinâmica de felicidade.

Sobre a premissa deste discurso, enunciados tais como "os ricos é que são felizes" ou ainda, "apenas o dinheiro traz felicidade" são fomentados e reproduzidos nas mídias contemporâneas. As narrativas das alunas destacam-se como enunciações sobre o referido discurso:

P. (14 anos): Essa história de dizer que dinheiro não traz felicidade eu acho a maior mentira. Pois se ele não traz felicidade, pelo menos manda trazer! Essa vida de pobre não é feliz! (Roda de Conversa 05 jun. 2013)

A música *Onde eu chego eu paro tudo* (Mc Boy do Charmes) exemplifica tais afirmações ao associar o uso de uma série de artefatos de vestuário e embelezamento de valor extremamente elevado ao encantamento das mulheres, como pode-se verificar nos versos "[...] a mulherada entra em pane, meu cordão é um absurdo, meu perfume é da Armani"¹⁴. Vale destacar que versão audiovisual (videoclipe) desta e de outras músicas semelhantes visibilizam homens jovens

¹⁴ O artista descreve marcas como Dior, Lacoste, Armani, Oakley e Hilfinger.

cercados de belas mulheres e ostentando os artigos de luxo como os citados. A mesma relação também é verificada nos excertos abaixo:

Eu sou patrão, não funcionário (Mc Menor do Chapa)

[...] A nossa roupa é da Ed Hardy, Rio Local ou da Armani
O bonde tem um Audi, um Veloster e um Megane
Eu tô portando a Captiva com som de duzentos mil
Estilo panicat, me deu mole quando viu¹⁵

Ela monta na minha R1 (Mc Bó de Catarina)

[...] Cheia de tesão me olhando ela diz
Que a corrente de ouro e o tanque
Combina com a *Ecko* e meu *Puma Disk*

Chama novinha, chama
Pode chamar, vamo embora
De R1 ela gama
Um cinco estrelas ela adora.¹⁶

De modo semelhante ao exposto pela música *Onde eu chego eu paro tudo*, a música *Rolê da Haybusa*, de Mc Dedé e apresentada na abertura deste artigo, também visibiliza a relação entre popularidade e consumo de caros artefatos de vestuário (a exemplo de roupas Hollister e Abercrombie & Fitch).

Chamou nossa atenção a relação de dependência e provimento de bens materiais, apresentada na música *Mulher do Poder* (Mc Pocachontas). É interessante destacar que, na versão audiovisual, ou seja, no clipe da música divulgado pela web, a intérprete desfruta de bens de consumo de alto valor, como acessórios da grife famosa *Louis Vuitton*. A música em questão também refere que uma mulher deve manter um relacionamento afetivo com um parceiro que, obrigatoriamente, “lhe dê condição”, ou seja, sustente seus desejos e suas vaidades, como é possível ver no excerto abaixo:

Mulher do Poder- Mc Pocachontas

Ostentação, palavra que eu gosto de ouvir
Se me quer do seu lado, tem que me fazer rir
Vem me buscar de Hornet, R1, RR
Me dá condição.
Deixa eu totalmente louca, chapadona de Chandon ¹⁷

¹⁵ Ver: <https://www.lettras.mus.br/menor-do-chapa/>. Acesso em 15 jul. 2016.

¹⁶ Ver: <https://www.lettras.mus.br/mc-bo-do-catarina/ela-monta-na-minha-r1/>. Acesso em 15 jul. 2016.

Tal relação também pode ser visibilizada nas narrativas de algumas alunas, quando perguntadas sobre suas opiniões acerca da referida música. Em suas palavras:

P. . (14 anos): É legal porque mostra o poder da mulher!

Pesquisadora: Que tipo de poder a música mostra?

C. . (13 anos): Ela tem dinheiro, roupas, dinheiro...

S. . (15 anos): Ela tem o poder da...Tu achas que ele deu dinheiro para ela por quê? Só porque ela deu beijinho nele?¹⁸

Pesquisadora: Então por que ela “dá” para o cara e assim ganha tudo dele?

P. Não é porque ela dá, é porque ela merece! Se ele pega ela, ele tem quem ostentar! (Roda de Conversa 07 ago. 2013)

Na contemporaneidade, por meio da participação em programas de TV ou, ainda, em outros eventos promocionais, alguns indivíduos de condição de vida simples, sem muitos recursos materiais, transformam-se em fenômenos da mídia rapidamente. E, em poucos meses, muitos acabam por usufruir de um sucesso repentino, conquistando uma melhor condição financeira que lhes possibilita a aquisição de bens de valor elevado, a exemplo dos artistas do *funk ostentação*. Embora, na visão de seus intérpretes, tais músicas retratem possibilidades de vida a serem alcançadas pela população de periferia, é válido problematizar de que modo tais possibilidades poderiam ser efetivadas.

Em certa medida, é possível pensar que as músicas alinhadas com o *funk ostentação* visibilizem a ideia de Zigmund Bauman (2005) de que, na contemporaneidade, o mundo configura-se como um palco de performances, no (e do) qual somos consumidores de bens de consumo, de bens culturais e até mesmo de relacionamentos.

A potência com a qual o consumo acaba por ser visualizado nas mídias musicais acessadas pelas alunas evidencia, em certa medida, o tempo que vivemos, e suas características, em nossa sociedade. No entanto, vale problematizar o quanto alguns dos modos de consumo atuais são constituídos pelas “condições de possibilidades” de nosso tempo e o quanto outros modos, a exemplo do consumo exagerado de certos bens (como os artefatos tecnológicos) são potencializados pela

¹⁷ A versão audiovisual da música pode ser encontrada em: <https://www.youtube.com/watch?v=utiNEz6IAkY>.
Aceso em 31 mai.2013.

¹⁸ A aluna refere-se ao órgão sexual feminino.

própria mídia, fomentando, assim, um discurso consumista em nossa sociedade. Entendendo as músicas como artefatos midiáticos, pode-se compreender que as mesmas “reduplicam” os discursos de uma época, em variadas enunciações (FISCHER, 2012).

Como afirma Bauman (2008), as sociedades contemporâneas padecem da *síndrome consumista*, na qual os desejos e anseios pelos bens materiais devem ser atendidos de forma quase imediata. Nas palavras do autor, tal síndrome envolve a “[...] enfática negação da virtude da procrastinação e da possível vantagem de se retardar a satisfação [...] encurta radicalmente a expectativa de vida do desejo e a distância temporal entre este e a sua satisfação, assim como entre a satisfação e o depósito de lixo” (BAUMAN, 2008, p. 111). Também as palavras de Dayrell (2002, p. 124) são profícuas para a problematização:

Vivemos no Brasil uma situação paradoxal. Nas últimas décadas vem ocorrendo uma modernização cultural, consolidando uma sociedade de consumo, ampliando o mercado de bens materiais e simbólicos, mas que não é acompanhada de uma modernização social. Assim, os jovens pobres inserem-se, mesmo que de forma restrita e desigual, em circuitos de informações, por meio dos diferentes veículos da mídia, e sofrem o apelo da cultura de consumo, estimulando sonhos e fantasias, além dos mais variados modelos e valores de humanidade.

O que eu ouço me produz? À guisa de conclusão

Além de um espaço de permissividades, experimentações e de admiração/desejo pelas práticas de consumo, determinados autores descrevem a juventude como um tempo de “moratória”, na qual os indivíduos, por ainda não terem alcançado a vida adulta e as responsabilidades que advém com a mesma, poderiam vivenciá-la como “[...] um período marcado pelo hedonismo e pela irresponsabilidade, com uma relativização da aplicação de sanções sobre o comportamento juvenil” (DAYRELL, 2003, p. 41). Segundo o referido autor, as possibilidades econômicas de determinados grupos sociais poderiam garantir aos seus jovens o adiamento de situações como a inserção no mercado de trabalho ou, ainda, a constituição de uma família, as quais são entendidas como balizadoras para a entrada no mundo adulto. Assim, os jovens das classes médias e altas teriam, supostamente, um tempo maior em relação às classes populares para “proveitarem” a juventude sem as preocupações com o “mundo adulto”, a exemplo

das preocupações financeiras para o subsídio da própria existência. No entanto, é possível pensar que, mesmo inseridos no mercado de trabalho antecipadamente, muito jovens das periferias urbanas vivenciam, em certa medida, as dinâmicas de uma moratória, uma vez que circulam por espaço de fruição da vida e investem o próprio tempo nas dinâmicas de sociabilidade e, ainda, nas possibilidades de diferentes trocas afetivas, consideradas a partir do entendimento desta moratória, ações relacionadas que a sua condição juvenil (DAYRELL, 2003).

Sandra Andrade e Dagmar Meyer (2014) pontuam, ainda, que as diferenças de gênero podem ser vistas como marcadores para a inserção dos jovens e das jovens no mundo adulto e término de uma chamada “moratória” juvenil, como fica evidente nas palavras das autoras:

Os/as jovens, mesmo nas faixas de renda mais baixas, também vivem a chamada moratória social, uma vez que reforçam em suas falas o pensamento usual de que sair da juventude acarreta ter responsabilidades de outra ordem, ter um novo lar, marido e filhos, apontando, ao mesmo tempo, experiências bastante específicas de cada gênero, relacionadas ao mundo afetivo, ao trabalho, à inserção social etc. (ANDRADE e MEYER, 2014, p. 92)

Para as mulheres, a maternidade poderia representar a inserção no chamado “mundo adulto” e suas conseqüentes responsabilidades – fato que não parece consumir-se de igual modo quando os jovens se tornam pais. No entanto, conforme as autoras, tal dimensão pode ser problematizada frente às diferentes realidades dos grupos sociais. Logo, será possível encontrar jovens mães nas periferias urbanas que se valem de aspectos da “moratória juvenil” e acabam por realizar práticas de entretenimento (como sair à noite) porque se sentem jovens e “querem aproveitar a vida” (ao menos, enquanto o bebê dorme). Porém, é preciso enfatizar que a maternidade, principalmente nas classes populares, é desencadeadora de determinadas ações nas vidas das jovens, como o abandono dos estudos para a dedicação ao lar e ao trabalho. E, ainda “[...] parece ‘normal’ que abandonem os estudos para cuidar dos filhos e que assumam uma tripla jornada ao retornar à EJA: trabalho, escola e filhos.” (ANDRADE; MEYER, 2014 p. 98).

Ao término deste estudo, compreendemos que as jovens investigadas se valiam da moratória juvenil, vivenciando a juventude como espaço pleno de permissividades e experimentações e admirando, através das músicas preferidas, as práticas de consumo ostensivo. Os discursos visibilizados pelas mídias musicais

preferidas das alunas e, ainda, visibilizados pelas suas próprias narrativas, reiteram a dimensão de uma moratória juvenil.

Ficou evidente com a pesquisa que as jovens alunas adotavam muitas vezes posturas conservadoras, ancoradas em discursos que diferenciam posturas de homens e mulheres, admitindo comportamentos mais livres e autônomos somente para os homens. No entanto, em algumas situações, as jovens contradiziam este conservadorismo, aproximando-se de discursos menos coercitivos acerca do comportamento feminino. Esta ambivalência de posturas também é descrita por Del Priore (2013) acerca das posturas das mulheres no mundo adulto:

As mulheres do século XXI são feitas de rupturas e permanências. [...] Têm filhos, mas se sentem culpadas por deixá-los em casa. Em casa, querem sair para trabalhar. Se cheinhas, querem emagrecer. Se magras, desejam seios, nádegas e o que mais tiverem direito... em silicone. Desejam o real e o sonho, de mãos dadas. São várias mulheres em uma. (DEL PRIORE, 2013, p. 7)

As palavras da autora são profícuas para pensar a constituição das subjetividades das jovens desta pesquisa. Frente aos diversos discursos circulantes em nosso tempo, podemos pensar que tais jovens constituam feminilidades ambivalentes, ou ainda modos plurais de ser jovem mulher. Pode-se pensar que tais jovens estejam constituindo feminilidades contemporâneas que, por vezes, “explodem as cercas erguidas a partir de velhas convicções e certezas que já não funcionam” e que, por isso, acabam por chocar a geração adulta, constituída sobre as certezas modernas (SIBILIA, 2012, p. 10).

Saibamos nós, professores e pesquisadores, apoiados nas teorizações produzidas e na nossa sensibilidade, produzir nas instituições escolares práticas educativas que se aproximem das feminilidades contemporâneas, compreendendo-as em sua singularidade e potencialidade. Acreditamos ser necessário ouvir mais nossas alunas, em espaços de pesquisa ou não, a fim de que possamos (re)constituir as nossas práticas pedagógicas e propiciar condições para que elas também possam nos ouvir mais, no intuito de, no mínimo, conhecerem experiências diferentes daquelas que já vivenciaram. É possível pensar que a aproximação das jovens alunas com diferentes discursos – também provocada pela escola –, poderia produzir subjetividades outras em tais alunas, propiciando-lhes distintos modos,

diferentes possibilidades para a condução de suas condutas e de suas vidas. Afinal, aquilo que ouço, me produz e pode me conduzir por diferentes caminhos.

Referências

ALMEIDA, Maria Isabel Mendes (2006). “Zoar” e “ficar”: novos termos da sociabilidade jovem. In: ALMEIDA, Maria Isabel Mendes; EUGENIO, Fernanda (2006). *Culturas Jovens: novos mapas do afeto*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar. P. 139-157

ANDRADE, Sandra e MEYER, Dagmar. Juventudes, moratória social e gênero: flutuações identitárias e(m) histórias narradas. *Educar em Revista*. Curitiba. Edição Especial n. 1. p. 85-99. 2014.

BAUMAN, Zygmunt. *Vidas Desperdiçadas*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2005.

_____. *Vida para consumo: a transformação das pessoas em mercadorias*. RJ: Jorge Zahar, 2008.

DAYRELL, Juarez. (2001). *A música entra em cena: o rap e o funk na socialização da juventude em Belo Horizonte*. 412f. Tese (Doutorado em Educação). Programa de Pós-Graduação em Educação, Faculdade de Educação. Universidade de São Paulo, 2001.

_____. O rap e o funk na socialização da juventude. *Educação e Pesquisa*, vol.28, no. 1, p.117-136. Jun. 2002

_____, O jovem como sujeito social. *Revista Brasileira de Educação*. Rio de Janeiro. (RJ) n. 24, p. 40-52. set/out/nov/dez. 2003

_____, CARVALHO, Levindo; GEBER, Saulo. Os jovens educadores em um contexto de educação integral. In: MOLL, Jaqueline. *Caminhos da educação integral no Brasil - direito a outros tempos e espaços educativos*. Porto Alegre: Penso, 2012. p.157-171.

DEL PRIORE, Mary. *Histórias e Conversas de Mulher*. São Paulo: Planeta, 2013.

FEIXA, Carles. *De jóvenes, banda y tribos: antropología de la juventude*. Barcelona: Ariel, 1999.

FISCHER, Rosa Maria Bueno. *Adolescência em discurso: mídia e produção de subjetividade*. 297f. Tese (Doutorado em Educação). Programa de Pós-Graduação em Educação, Faculdade de Educação. Universidade Federal do Rio Grande do Sul, 1996.

_____. Mídia e educação da mulher: sobre modos de enunciar o feminino na TV. *Revista Estudos Feministas*, Florianópolis (SC), v. 9, n. 2, p. 586-599. 2001.

_____. Mídia, máquinas de imagens e práticas pedagógicas. *Revista Brasileira de Educação*, Rio de Janeiro (RJ), v. 12, n. 35, p. 290 -299. maio/ago. 2007.

_____. *Trabalhar com Foucault: arqueologia de uma paixão*. Belo Horizonte: Autêntica, 2012.

FOUCAULT, Michel. *História da sexualidade II- O uso dos prazeres*. 13 ed. São Paulo: Graal, 2009.

_____. *Ditos e Escritos V: Ética, Sexualidade e Política* 2. ed. Trad. Elisa Monteiro e Inês Barbosa. Rio de Janeiro, RJ: Forense Universitária, 2010.

_____. *A Arqueologia do saber*. 8. ed. Rio de Janeiro: Forense, 2012.

GARBIN, Elisabete M. *www.identidadesmusicaisjuvenis: um estudo de chats sobre música da Internet*. Tese (Doutorado) Programa de Pós-Graduação em Educação, Faculdade de Educação, Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Porto Alegre, 2001.

HALL, Stuart. A centralidade da cultura: notas sobre as revoluções de nosso tempo. *Educação & Realidade*. Porto Alegre. V. 22, n. 2, p. 15 - 46, jul./dez. 1997

_____. Stuart. *Identidades Culturais na Pós – Modernidade*. 11, ed. Rio de Janeiro: DP&A, 2006.

HERSCHMANN, Micael. *O funk e o hip hop invadem a cena*. Rio de Janeiro: Ed.UFRJ, 2005.

KEHL, Mari Rita (2004). A Juventude como sintoma da cultura. In: Novaes, Regina e Paulo Vannuchi (Org.). *Juventude e Sociedade: trabalho, educação cultura e participação*. São Paulo: Editora Fundação Perseu Abramo. 2004, p. 89 -114.

LARROSA, Jorge. Tecnologias do eu e educação. In: SILVA, T. T. (Org.). *O sujeito da educação: estudos foucaultianos*. Petrópolis Vozes, 2000. P.35 -86.

LOURO, Guacira Lopes. Currículo, gênero e sexualidade: o “normal”, o “diferente” e o “excêntrico”. In: LOURO, Guacira; NECKEL, Jane Felipe; GOELLNER, Silvana Vilodre (Org.). *Corpo, gênero e sexualidade: um debate contemporâneo na educação*. Petrópolis: Vozes, 2003. P. 41-52.

MEINERZ, Carla Beatriz. Grupos de Discussão: uma opção metodológica na pesquisa em educação. *Educação e Realidade*, v. 36, p. 485-504, 2011.

PLATT, Damian; NEATE, Patrick. *Cultura é nossa arma: AfroReggae nas favelas do Rio*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2008.

SCHWENGBER, Maria Simone Vione. *Donas de Si? A educação de corpos grávidos no contexto da Pais & Filhos*. 195f. Tese (Doutorado em Educação). Programa de

Pós-Graduação em Educação, Faculdade de Educação, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, 2006.

SEFFNER, Fernando. Sigam-me os bons: apuros e aflições nos enfrentamentos ao regime da heteronormatividade no espaço escolar. *Educação e Pesquisa*. São Paulo, v. 39, n. 1, p. 145-159, jan. /mar. 2013

SCOTT, Joan. Gênero: uma categoria útil de análise histórica de Joan Scott. *Educação & Realidade*. Porto Alegre, v. 20, n. 2, jul./dez, p. 71-99. 1995.

SEVERO, Rita Cristiane Basso Soares. *Enquanto a aula acontece... práticas juvenis na escola contemporânea*. 195f. Tese (Doutorado em Educação). Programa de Pós-Graduação em Educação, Faculdade de Educação, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, 2014.

SIBILIA, Paula. *Redes ou paredes: a escola em tempos de dispersão*. Trad. de Vera Ribeiro. Rio de Janeiro: Contraponto, 2012.

SOARES, Rosângela de Fátima Rodrigues. *Namoro MTV: juventude e pedagogia amorosas/sexuais no Fica Comigo*. 174 f. Tese (Doutorado em Educação). Programa de Pós-Graduação em Educação. Faculdade de Educação, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2005.

SOUSA, Vandelucia, NUNES, Maria Lucia, MACHADO, Charliton José dos Santos "FICAR É ...": um código de relacionamento entre adolescentes. *Caderno Espaço Feminino* - Uberlândia-MG - v. 25, n. 2 – p.136-157. Jul./Dez. 2012.

VARGAS, Juliana Ribeiro de. *Meninas (mal)comportadas: posturas e posicionamentos em uma escolar pública de periferia*. Porto Alegre: UFRGS, 2008. 135f. Dissertação (Mestrado em Educação). Programa de Pós-Graduação em Educação. Faculdade de Educação. Universidade Federal do Rio Grande do Sul, 2008.

VEIGA-NETO, Alfredo. As idades do corpo:(material)idades, (corporal)idades, (ident)idades. In: AZEVEDO, José Clovis de, GENTILI, Pablo, KRUG, Andréa, SIMON Cátia (orgs). *Utopia e democracia na Educação Cidadã*. Porto Alegre: ed UFRGS/Secretaria Municipal de Educação, 2000. Disponível em <<http://www.lite.fae.unicamp.br/cursos/nt/ta5.12.htm>.> Acesso em: 24 maio. 2012.

VEYNE, Paul. *Foucault: seu pensamento, sua pessoa*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2011.

WELLER, Wivian A presença feminina nas (sub)culturas juvenis: a arte de se tornar visível. *Revista Estudos Feministas*, Florianópolis, 13(1): 216, p. 107 -126, jan. /abr. 2005.

Submetido em 30.03.2016, aprovado em 30-06-2016